Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RECITAL ENTREVISTA A PROFESSORA LÚCIA HELENA BATISTA GRATÃO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA)

Do planalto central ao espigão com as Geografias de Lúcia Helena Batista Gratão

Entrevistadores

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior (Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados - PPGG/UFGD)
Jéssica Soares de Freitas (Professora Colaboradora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - DGE/UEM)

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v6i3.672

Apresentação

A Professora Lúcia Helena Batista Gratão é uma das pioneiras da Geografia Humanista no Brasil, especialmente no concernente à incorporação da fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard aos estudos de geograficidade e da poética da Terra. Também é referência fundamental nos estudos com temáticas ligadas à água, aos sabores, ao sonhar e à imaginação geográfica. Ela foi professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina de 1982 até 2014. Fez pós-doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista-Campus Rio Claro com conclusão em 2012. É doutora e mestre em Ciências (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo concluídos em 2002 e 1992. [E formada em Geografia pela Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás, com conclusão em 1977. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM/UFF) e do Nomear - Fenomenologia e Geografia (Unicamp).

Entrevista

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior [CSJ]: Então, Lúcia, gostaria de iniciar com uma pergunta bastante fundamental, que acredito ser aquela que todo geógrafo precisa responder em algum momento da vida: por que você escolheu cursar Geografia? Como foi o seu caminho até a Geografia?

Lúcia Helena Batista Gratão [LG]: Tudo começa com uma questão. Como fui parar na Geografia? Ou melhor, como descobri a Geografia? Como me desviei para a Geografia? Quero dizer que, no meu caso, fazer Geografia não foi apenas um desvio, mas um verdadeiro caminho inesperado.

Nunca havia pensado em cursar Geografia. Nos primeiros vestibulares, tentei Medicina, influenciada pela minha família e amigos da cidade onde morava. Depois, prestei vestibular para Odontologia. Cheguei a ter um bom desempenho em Medicina, mas a concorrência era tão grande que parecia impossível, e percebi que não entraria. Decidi, então, seguir para Ciências Naturais, já que gostava de Física e Química, especialmente de Química. Eu era uma aluna entusiasmada no cursinho, adorava as ligações químicas e temas próximos.

Entrei no curso de Ciências Naturais, que hoje se chama Ciências Biológicas, na PUC de Goiânia. Curiosamente, só soube que tinha sido aprovada quando encontrei colegas que me perguntaram por que não havia feito a matrícula. Eu nem me dei conta de que havia passado, pois estava distraída, talvez por uma viagem que fiz com uma amiga à Praia Grande e ao Guarujá, lugares que eu ainda não conhecia. Naquela época, o curso era chamado de História Natural, antes de se transformar nas Ciências Biológicas de hoje. No entanto, percebi que não me adaptei muito ao curso.

Prestei vestibular novamente, dessa vez para Língua Portuguesa, e fui muito bem classificada, embora não me recorde se fiquei em quarto ou oitavo lugar. Iniciei o curso de Letras Vernáculas, na Universidade Federal de Goiás, após ter feito o primeiro vestibular na PUC. Já na UFG, me interessei por várias disciplinas, como Semiologia da Comunicação, Relações Públicas, Propaganda e Publicidade. Desde aquela época, eu já estava explorando caminhos diferentes, me encantando especialmente pela publicidade e propaganda, que me fascinavam com o uso das cores, o que, mais tarde, associei ao estudo da paisagem.

Frequentando o CCH (Centro de Ciências Humanas) da UFG, eu passava diariamente pelo prédio das Geociências. Um dia, ao atravessar o corredor, notei uma placa com o nome "Colegiado de Geografia". Entrei e perguntei como poderia fazer a transferência para o curso. No semestre seguinte, ingressei na Geografia, cerca de um ano e meio após ter iniciado Letras.

Minha conexão com a Geografia talvez tenha raízes mais profundas. Nasci e fui alfabetizada na roça, com meu pai me ensinando à luz de lamparina. Ele escrevia no caderno de caligrafia e eu aprendia as letras. Embora ele só tenha frequentado a escola por 25 dias, tinha uma caligrafia impecável e sempre me incentivou a aprender. Desde pequena, eu gostava muito das palavras, tanto de ouvi-las bem faladas quanto de escrevê-las corretamente. Esse interesse pela escrita cresceu comigo, e eu adorava fazer redações, escrever cartas para meus primos e familiares que moravam em outras cidades.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

O caminho até a Geografia foi, de certa forma, natural, embora tenha sido uma descoberta tardia. Tudo começou com pequenos desvios, mas foi assim que encontrei meu verdadeiro lugar.

[CSJ]: É interessante que tudo o que você mencionou contém muito de uma poética da Terra. A forma como o campo, a trajetória e as cartas se apresentam, tudo isso é um entrelugar, quase como uma Geografia que já prenunciava a Geografia que você iria estudar na graduação. Agora, sobre a graduação, eu gostaria de saber se houve algum professor ou disciplina que marcou sua trajetória acadêmica em Geografia.

[LG]: Então, Carlos, se me permite voltar um pouco ao que você comentou, porque eu precisei conter-me para não revelar essa minha relação com a terra desde aquela época. Você já fez sua leitura, que, acredito, torna tudo mais bonito e poético. Nós íamos para a escola a partir de casa, mas isso é outra história. Quando meu pai parou de contratar professores particulares para nós em casa, meu tio – o outro tio, já que as fazendas eram vizinhas – decidiu trazer um professor. Foi criado um espaço para isso, embora eu não tenha muitos detalhes, pois tudo isso já passou; meu pai, meus tios, todos já se foram, e eu nunca cheguei a resolver essa questão, até porque nunca me perguntaram sobre isso.

Tínhamos uma escola lá. Eu lembro do nome do professor, mas agora me fugiu da memória. Eu sempre me dava muito bem na escola, embora algumas pessoas não gostassem disso e, às vezes, até questionassem, mas eu estava feliz. Ter um professor era uma grande felicidade para mim, e a escola também. Caminhávamos cerca de dois quilômetros e meio, três quilômetros, até a escola, sempre a pé. Quando meu pai faleceu, no sétimo dia de sua missa, fiz uma homenagem levando meu pequeno embornal, o mesmo que usava para carregar os livros. Acredito que, desde então, eu já me via como uma espécie de caminhante, alguém que fazia desvios pelo caminho. Havia uma pequena mata por onde passávamos, e, mais tarde, percorri esses mesmos caminhos várias vezes, até vendermos a fazenda.

Eu caminhava muito com meus sobrinhos, organizávamos piqueniques, caminhadas, nos fantasiávamos de índios, de animais, e cada um preparava sua mochilinha com lanches. Quando recebíamos visitas, íamos andar a cavalo pelos morros da fazenda, e à noite levava meus sobrinhos para ver os vaga-lumes que se reuniam nos cupinzeiros. Subíamos um morro e, curiosamente, isso fez parte da minha vida acadêmica também. Quando comecei a dar aulas de geomorfologia, subir na escadaria do CCE para lecionar era algo muito natural para mim, pois eu já fazia isso na fazenda, subia os morros para observar o horizonte, explorar os vales, e andar a cavalo. Essa era a minha rotina. Eu tive que me conter para não falar tudo isso antes... Qual era mesmo a sua pergunta? Ah, o professor...?

[CSJ]: Houve algum professor ou disciplina durante a sua graduação que tenha te marcado?

[LG]: Claro! Vocês vão perceber logo. Como mencionei antes, nunca tive grandes dificuldades. Não era a melhor aluna da turma, não tirava notas 10 ou 9 sempre. E, curiosamente, sabe qual foi a disciplina em que tive as notas mais baixas? Geografia econômica, pode acreditar?

A professora dessa disciplina... eu me lembro vagamente, mas não recordo o nome. Na verdade, eu nem fiz questão de buscar na memória ou investigar mais a fundo, porque queria me expor de maneira mais autêntica. Tudo sempre foi apresentado a mim de forma muito direta, inclusive

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

para o projeto que estou desenvolvendo hoje. Muitas vezes, eu nem conseguia responder algumas perguntas sem muita dificuldade. Sofri bastante, por exemplo, para ler o livro do Pierre George[1].

Eu cursei a graduação entre 1974 e 1978. Naquela época, eu já era adulta, bastante adulta. Aliás, em 1974, eu tinha quantos anos? Nasci em 1950, então já entrei na graduação com 24 anos. Hoje, com essa idade, muitos de vocês já são doutores, pós-doutores. Mas, para mim, foi um percurso diferente. Entrei na universidade em 1974 e me formei em 1978, sem reprovações. Fiz várias disciplinas optativas, um termo que eu gostava bastante. Não me agradava a ideia de "disciplina especial". Porém, se houvesse uma disciplina especial para mim, seria "Paisagem e Percepção". Por isso, sempre me perguntei: por que preciso ministrar aulas de geomorfologia e hidrografia, quando minha verdadeira paixão está na percepção da paisagem e na interpretação geográfica? Essas, para mim, são as verdadeiras disciplinas especiais.

A professora era bastante rigorosa. Eu ainda me lembro dela. Era muito conhecida no departamento. Vou retomar o nome das professoras. Ela era muito famosa. E, apesar de não estar aqui, ela é irmã de um deputado federal também muito conhecido em Goiás. Menciono isso apenas para me ajudar a lembrar de quem estou falando. Era a professora Maria França. Já ouviu falar dela? Procure na área de Geografia. Ela era uma mulher de grande porte, alta e forte. Uma professora rígida, pense em alguém muito exigente.

Essa foi uma das disciplinas em que tive mais dificuldades. Antes de falar sobre as outras, Geografia Regional foi uma experiência muito interessante, ministrada pela professora Técia Cavalcanti. Inclusive, Celene Cunha Monteiro era monitora dela, e nos dávamos muito bem. Nossa Geografia Regional era feita com papel vegetal. Você pegava um mapa-múndi para reconhecer os continentes, o contornava e, assim, desenvolvíamos o conteúdo. Meu trabalho final foi sobre a Oceania. Achei interessante, pois gosto muito da Oceania, embora não saiba o motivo. As aulas aconteciam aos sábados de manhã com um advogado, o que era incomum naquela época.

Geografia Agrária também foi uma disciplina muito agradável. A professora era alguém que vocês provavelmente conhecem, mas agora me esqueci do nome. Ah, lembrei: Stella Godoy. Foi ela quem me levou ao meu primeiro encontro de Geografia, o ENG de 1978, em Fortaleza. Foi um marco importante na minha trajetória, pois foi a partir daí que me envolvi com a Morfometria de Bacias Hidrográficas, o que me levou a Rio Claro para fazer meu mestrado, que não finalizei. Isso é uma outra parte da minha história, se vocês quiserem saber mais.

Climatologia nunca foi uma área que me atraiu muito. Curiosamente, é uma das únicas, ou melhor, a única disciplina de Geografia Física aqui na UEL que eu nunca ministrei, pois sempre houve alguém responsável por ela. Trabalhei com geologia, biogeografia, geomorfologia estrutural e geomorfologia climática, que eram divididas em duas partes. A partir daí, segui para a geomorfologia dos processos, com Margarida Penteado, e também para a geomorfologia ambiental e social, novamente com a professora Margarida, que eu já conhecia por meio do professor Valter Casseti.

Eu costumava contar aos meus alunos que fui aluna do professor Valter Casseti. Eles sempre ficavam impressionados e diziam: "Professora, você foi aluna do professor Valter Casseti?" -

[1] GEORGE, P. **Geografia Econômica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Sim! Não cheguei a ser aluna do professor Aziz Ab'Saber, porque, no momento em que fui para lá fazer o mestrado, não consegui cursar disciplinas com ele. Mas considero Aziz Ab'Saber, Margarida Penteado e Valter Casseti os meus grandes mestres da geomorfologia. Valter Casseti era muito jovem quando começou a lecionar. Acho que ele tinha uns 23 anos. Quero investigar mais sobre isso, pois era muito jovem.

Ele começou ministrando a disciplina de fotointerpretação. Não sei se me encantei logo de início. Outro dia, escrevi sobre isso para uma conferência de abertura. Eduardo[2] até me disse: "Você não vai conseguir falar tudo isso no início", então revisei e segui outro caminho para a conferência.

Naquela época, eu tinha certa dificuldade com fotointerpretação. Hoje em dia, vocês nem utilizam mais esse tipo de equipamento na Geografia. Como chama aquele aparelho mesmo?

[CSJ]: Estereoscópio. Você olha com os dois olhos, através das duas lentes, e consegue ver a profundidade.

[LG]: E o que eu via em profundidade? Eu tinha dificuldade, pois acho que meu olho tinha... Depois descobri que havia um pequeno desvio, alguma coisa assim. Aquilo me incomodava muito. Todos conseguiam ver várias coisas, mas eu via o quê? Eu via Carlos e Jéssica. Eu via o que faço hoje. Eu via o que me encanta atualmente. Peço desculpas, não é presunção, é uma descoberta, sabe? É uma restauração. Foi, de fato, um momento de restauração. E o que eu vi? O que você vê ao utilizar o estereoscópio?

Jéssica Soares de Freitas [JF]: A morfologia... os caminhos.

[LG]: Exatamente... a morfologia da Terra. As formas do relevo. Naquela época, ainda não chegávamos a fazer geomorfologia, porque essa disciplina, acredito, era Geografia Física 4. Estudávamos geomorfologia, climatologia e outras áreas afins. Era puro encantamento. Quando colocávamos o papel vegetal e traçávamos os contornos, meu Deus! Naquele tempo, eu não sabia que isso era morfologia da Terra, que representava uma metamorfose, um processo metamórfico. Hoje, eu penso: se eu fosse ensinar geomorfologia atualmente, meus alunos provavelmente me odiariam, pois já trabalho com isso e a meteorização os deixaria intrigados. O que é a meteorização senão a transformação da pedra em forma?

Estou usando essa expressão pela primeira vez. Meteorização, metamorfização, o que isso representa, se não a metamorfose da rocha em forma? Estou aplicando o conceito de forma à arte, mas talvez houvesse uma palavra mais adequada, uma palavra melhor para descrever o objeto, a peça, a obra, a obra de arte. Ao refletir sobre isso, me lembrei da cerâmica, que foi a última coisa que fiz no ano passado, quando fiz um curso de cerâmica. Acho que já comentei isso com vocês. Não sei se foi... com outras pessoas. E então, eu realmente descubro as mãos operárias, ativas, presentes no "Direito de Sonhar", de Bachelard, que se referem aos quatro elementos. É uma restauração.

[CSJ]: Sim, inclusive o Bachelard tem um capítulo no livro *A Poética da Terra*[3], agora não me recordo se é no devaneio do repouso ou da vontade, mas ele fala sobre o barro e o

[2] Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr.

[3] BACHELARD, G. **La terre et les rêveries de la volonté.** Paris: Librairie José Corti, 1948a. ; BACHELARD, G. **La terre et les rêveries du repos.** Paris: Librairie José Corti, 1948b.

artesão que trabalha com cerâmica, com o barro.

[LG]: Sim, acredito que possa ser... no devaneio do repouso ou talvez também na Poética do Espaço.

E no *Direito de Sonhar*[4], ele menciona a mão... a mão que... a mão que molda, a mão e a matéria. Fantástico! Na verdade, acho que já tinha lido isso, mas você me fez lembrar. Há também aquele livro... como é que se chama? Acho que é do Bosi, *Fenomenologia do Olhar*[5]... você se lembra? Acho que foi o Bosi quem escreveu algo sobre o negro, sobre a arte.

Eu já havia lido algo sobre a questão do barro, mas nunca havia me aprofundado. Encontrei-me na cerâmica, foi um verdadeiro encontro. Imagine algo mais inusitado: eu acabei me inscrevendo em um curso de cerâmica e me dedicando à prática. Fiz algumas pequenas peças aqui, mas levei para Goiânia, então não poderei trazer algumas das peças maiores que produzi. No entanto, as peças em si não são o mais importante, pois não estou preocupada com o produto final. O que realmente importa para mim é o processo de metamorfose que experimentei ao longo do manuseio da argila — amassando, colando e modelando. Foi algo fantástico, sabe?

Quanto ao professor que me influenciou e me encantou, posso dizer que foi o Valter Casseti. Lembro-me do relevo, do vale, dessa grande topomorfologia, desse extrato topomorfológico, que todos chamavam de perfil topográfico. Posteriormente, aprendemos que se tratava do perfil topo, inclusive com o professor Casseti. Durante meu mestrado, cheguei a utilizar uma expressão que inventei, 'topo climático, urbano, antrópico'. Quando íamos para o trabalho de campo, devo admitir que não fui uma excelente aluna, talvez tenha tirado um oito, com muito esforço, com o professor Valter Casseti, porque ele era extremamente exigente. Muitos o consideravam técnico, mas, para mim, técnico é algo diferente. Tudo isso que estou mencionando, ele utilizava em suas aulas. Nas provas, então, era um verdadeiro desafio! Tenho até hoje uma prova dele guardada comigo.

Acredito que foi a única disciplina, ou pelo menos uma das poucas, que nos levava ao campo, e realizamos trabalhos de campo realmente interessantes. Na época, a disciplina já era semestral, creio eu. Era algo como Geomorfologia 1, 2, 3 e 4, Geografia Física 1, 2, 3 e 4, ou algo parecido. Não vem ao caso agora. Fizemos um trabalho de campo na Serra Dourada e na Serra de Campos. Para chegar lá, era necessário atravessar diversos vales até finalmente alcançar a montanha. Hoje em dia, vejo minha profunda conexão com a montanha, e isso me remete ao livro de Schama, 'Paisagem e Memória'[6]. Há dois capítulos que realmente me fascinam: um sobre montanhas e outro sobre águas, ambos no livro de Schama.

Ir para o campo naquela época era muito diferente de hoje. Hoje em dia, os ônibus possuem ar-condicionado, as janelas ficam fechadas, os alunos usam óculos escuros e fones de ouvido, como se não fosse mais necessário estar presente no campo. Felizmente, participei de apenas um ou dois trabalhos de campo dessa forma e ainda consegui aprender bem. Mas, de fato, não parece mais necessário ir ao campo dessa forma. Por que ir ao campo se você não interage com o ambiente?

Na minha época, a preparação para o campo era feita antes, e não se falava sobre o campo em

[4] BACHELARD, G. O direito de sonhar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
[5] BOSI, A. **Fenomenologia do olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
[6] Schama, S. **landscape and memory**. New York: Alfred A. Knopf, 1995.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

si durante o trajeto, pois a ideia era que descobríssemos o ambiente ao chegar lá. O mais importante era o percurso da viagem, e tudo isso aparecia posteriormente no relatório, que nem era um relatório, mas um diário de campo. Foi com o professor Valter Casseti que aprendi a fazer perfis topográficos. Usávamos papel vegetal, tudo era emendado, e os perfis cobriam cerca de 200 quilômetros. Criávamos um perfil com escala, enrolado, e íamos desenrolando o perfil no papel quadriculado, no papel vegetal. E assim fui me encantando. Fui monitora do professor Valter Casseti, tenho que mencionar isso."

Essa versão utiliza uma linguagem mais formal e organizada, mantendo a essência e o conteúdo do texto original.

[CSJ]: Algo que me chamou bastante a atenção, aproveitando que você mencionou o Valter Casseti e os vales, é que me recordei do Espigão e de Londrina. Por isso, surge a pergunta: como foi que você, vindo de Goiânia, veio parar em Londrina e na UEL?

[LG]: Que Espigão é esse? Que vales são esses? Qual foi o Espigão que foi atravessado? Quantos espigões atravessamos. Isso, aliás, foi algo que mencionei no meu primeiro texto sobre a minha trajetória na UEL, onde comecei de uma forma parecida. Vou dar uma breve explicação, e depois você pode me interromper para voltarmos ao ponto principal. Eu iniciei assim: era uma quinta-feira, 22 de fevereiro, logo após o Carnaval. Quinta-feira, depois da Quarta-Feira de Cinzas. As aulas começavam na quinta-feira após o Carnaval. Então, eu saí de Goiânia e comecei a escrever sobre essa trajetória até Londrina. Que travessia foi essa? Nossa, por onde começar? Nunca havia planejado vir para Londrina. Nunca passou pela minha cabeça que um dia eu estaria aqui. Concluí a graduação em dezembro de 1978 e, em janeiro de 1979, já estava empregada. Nunca precisei procurar emprego ou decidir para onde ir. Nunca procurei o Araguaia, por exemplo. As oportunidades simplesmente se apresentavam.

Eu permaneci em Rio Verde. Vou descrever um pouco o percurso, e depois podemos retomar a pergunta. A professora Tessia Cavalcanti, esposa de um professor do Departamento de Física, era colega do presidente da FESURV, que você deve conhecer, a Fundação de Ensino Superior de Rio Verde, que hoje é uma Universidade. Naquela época, a FESURV já oferecia o curso de agronomia. Curiosamente, não fui contratada para dar aulas de Geografia.

Essa professora, em dezembro daquele ano, antes mesmo da colação de grau, perguntou: “Lúcia Helena, você gostaria de ser professora em Rio Verde?”. E eu perguntei: como assim? Ela explicou que o colega do marido dela, presidente da FESURV, estava precisando de professores para o curso de ciências, uma licenciatura curta. Isso foi em 1978, ou talvez início de 1979. Eu perguntei: você acredita que eu sou capaz de assumir essa responsabilidade? Ela respondeu: “Claro que sim!”. Então, aceitei.

As aulas aconteciam nos fins de semana, sexta à noite, sábado o dia inteiro e, se não me engano, até domingo de manhã. Preciso confirmar esses detalhes. Curiosamente, minha primeira experiência não foi na área de Geografia Física ou Geomorfologia. Na verdade, essa foi minha segunda experiência como professora. A primeira havia sido como substituta de uma professora em licença-maternidade, em um colégio famoso de Goiânia, localizado na esquina da Rua Araguaia. Ainda como estudante, substituí essa professora durante seu período de licença.

No ano seguinte, o professor decidiu criar um colégio pré-vestibular, o Albert Einstein. Ele assumiu a direção e eu fui convidada para ser vice-diretora. Imagine isso: uma recém-graduada,

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

tão jovem, e já vice-diretora! Trabalhava na FESURV durante a semana e, nos fins de semana, era vice-diretora do colégio. O diretor passava a semana em Goiânia, lecionando no Departamento de Física, então eu ficava responsável pelo colégio. Acabei me envolvendo no centro acadêmico, juntamente com a professora Olga, cujo sobrenome me foge agora. Também participei de atividades esportivas, que eram muito fortes naquela época, e viajávamos para Rio Verde, Mineiros e outras cidades para competir.

Isso mostra que eu sempre me envolvo profundamente em tudo o que faço. E foi assim que também me envolvi em várias atividades aqui na UEL, e continuo assim até hoje. Quanto à como vim parar em Londrina, essa é a questão.

[CSJ]: Como Londrina se tornou o seu lugar?

[LG]: Meu Deus, como explicar? Muitas pessoas podem pensar e até acreditam que tudo na minha vida aconteceu de maneira muito fácil. Sabe quando dizem: "Ah, tudo foi muito fácil"? Mas o que é realmente fácil ou difícil? Como já mencionei antes, eu nunca planejei nada. Nada, absolutamente nada. Se você me disser hoje: "Vamos para Goiânia", eu não faria um grande planejamento. Eu saberia que estou indo para lá, pegaria minha mala e tudo o mais, mas não saberia como será a viagem, onde irei parar ou o que vai chamar minha atenção no caminho. Vir para Londrina foi algo semelhante. Tudo aconteceu de forma muito tranquila, pois nunca sofri com essas minhas destinações. Eu as chamo de destinações, e não de destino. Pode ler sobre isso em algum lugar, eu não acredito em destino. Minha expressão é "destinação" ou "projeção".

Veja bem, eu estava em Rio Verde, lecionando. Isso foi em 1978, ou no final de 1978, não sei ao certo. Em julho daquele ano, fui a um evento em Fortaleza[7]. Naquela época, eu ainda estava em Rio Verde. Fui com a professora Stella e lá conheci o pessoal da pós-graduação em Rio Claro.

Eu presenciei tudo. E, a propósito, pode marcar um outro ponto interessante: as travessias que fiz. Talvez isso tenha relevância, especialmente para o seu trabalho. Sou muito grata por tudo isso, mas já chegarei lá. Então, fui a esse evento e tive contato com pessoas de várias áreas, inclusive com um professor da área de Climatologia, cujo nome agora me foge. Todos me incentivaram: "Por que você não faz pós-graduação em Rio Claro?" E eu pensei: "Meu Deus, fazer pós-graduação? Não tenho nenhum vínculo com isso, não vou." Enfim, voltei para Rio Verde.

Após esse evento, comecei a buscar informações e consegui a primeira bolsa de demanda social da CAPES, que na época era chamada de demanda social. Portanto, posso dizer que sou da demanda social desde antes de iniciar meus estudos. É interessante pensar nisso. Isso provavelmente aconteceu quando fui fazer o processo seletivo.

Participei de um processo seletivo em 1979, pois entrei lá em 1980. Não, na verdade, entrei em 1979. Vejam que loucura! O que eu fiz foi pedir licença sem remuneração da FESURV, pois queria me dedicar à bolsa que havia conseguido. Fui para Rio Claro em 1979, onde fiquei até o início de 1980 e completei todos os créditos necessários. Inicialmente, minha inscrição era para

[7] III Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), realizado em Fortaleza – CE, no ano de 1978.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

trabalhar com o professor Christofoletti, mas lá não tínhamos um orientador fixo. O professor Valter Casseti, de quem falarei mais adiante, sempre dizia: "Pois é, Lúcia Helena, você poderia ter sido a primeira a falar sobre a apropriação do relevo, mas você não concluiu seu mestrado." Logo depois, o livro do professor Valter Casseti foi publicado com o título Apropriação do Relevo[8], enquanto a minha dissertação de mestrado é intitulada Processo de Produção do Relevo. Ela continua bastante atual, mas, sinceramente, não tenho interesse em revisitar esse tema.

Apesar de ter avançado até a fase de qualificação, não concluí a dissertação. Naquela época, fui uma excelente aluna, com notas altas em praticamente todas as disciplinas. Creio que recebi um B em uma disciplina, provavelmente Organização do Espaço, ministrada pelo professor Ariovaldo, que, na verdade, não ensinava sobre organização do espaço, mas sim sobre marxismo. Eu sempre fui bastante crítica em relação a isso, e meus alunos frequentemente me questionavam sobre isso. Tive uma formação prévia em materialismo histórico-dialético, então foi um choque ver essa mudança de abordagem. Eu já havia saído de uma análise sistêmica, positivista e estruturalista, visto que o grupo do professor Christofoletti seguia essa linha. Aqueles que adotavam uma visão diferente nos viam como alienados na Geografia. Ouvi esse termo várias vezes. Hoje, mudaram o nome, pois "alienado" não faz parte da linguagem da Geografia Humanista. O termo pertence à Geografia materialista histórica-dialética, ou, em outras palavras, à Geografia marxista. Se podemos falar de uma Geografia marxista, por que não falar também de uma Geografia Humanista? É uma discussão interessante.

Voltando ao meu relato, pedi licença sem remuneração e fui para Rio Claro. Concluí todas as disciplinas, mas como estava retornando a Goiânia e não tinha um orientador fixo, acabei sendo direcionada para a professora Margarida Penteado, da UNB, o que foi ótimo para mim. Meu projeto original, que era sobre Análise Morfométrica de Bacias Hidrográficas, foi completamente reformulado. A princípio, eu estava trabalhando com a Depressão Periférica e a região de Rio Verde, em Goiás, mas o novo projeto envolvia o estudo de um sítio urbano em Goiânia, analisando bacias e espigões.

Curiosamente, foi esse estudo sobre espigões que, de certa forma, me trouxe para Londrina. Eu vim para cá pela BR-153, seguindo os grandes e pequenos espigões que começam nas Águas Emendadas, em Brasília, e continuam até o Paraná. Em 1997, levei meus alunos para conhecer a nascente do Rio Paraná, em um trabalho de campo que seguimos até a Foz do Iguaçu, passando por várias regiões.

Em resumo, não finalizei o mestrado em Rio Claro, nem com o professor Christofoletti sobre análise morfométrica. Concluí todas as disciplinas, inclusive Análise Morfométrica, e me saí muito bem. Trabalhamos com várias fórmulas presentes no livro de geomorfologia de Capinha Verde e apresentei meu primeiro trabalho em um evento no Rio de Janeiro[9], em 1980, sobre meandros.

Foi o primeiro trabalho que apresentei em um congresso, em 1980. Pensem em como eu estava atrasada. Atrasada cronologicamente. Mas, enfim, para mim foi tudo, absolutamente tudo. Nossa, imaginem só. Eu fui mais uma vez com a professora Stella Godoy. Ficamos em Copacabana, enfim, naquela região. E foi lá que apresentei... Era sobre meandros e cones

[8] CASSETI, V. **Ambiente e apropriação do relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.
[9] IV Encontro Nacional de Geógrafos, realizado na PUC do Rio de Janeiro-RJ no ano de 1980.

aluviais, dois trabalhos que apresentei. Sabe quais eram esses trabalhos? O professor Christofoletti traduzia diversas obras e nós... na verdade, nós fazíamos as traduções e ele publicava. Eu ia todo sábado de manhã, tinha um professor particular, todos nós passamos por isso, para fazermos traduções literárias e, depois, as traduções geográficas. Meus dois trabalhos foram publicados em algumas revistas. Essas coisas de tradução. E, gente, quem estava na plateia? A Amélia, que havia trabalhado no Radam[10], que já faleceu... E o Radam estava onde? Em Goiânia! A professora Ruth, que é minha amiga aqui e que conheci depois, também trabalhava lá. Havia também uma grande geomorfóloga, cujo nome agora me foge, um nome bem diferente. Ela também estava no Radam, e comecei a pesquisar por lá por causa do meu trabalho sobre sítios urbanos, essas questões.

E quem mais estava lá? O professor Guerra[11]! Ele estava na plateia, assim como outra colega cujo nome não me recordo. E depois veio a Maria Luiza. Todo aquele grupo, o pessoal da geomorfologia. Até porque eu sou uma das fundadoras da Associação de Geomorfologia, junto com essa turma: Queiroz e muitos outros. O evento foi em Uberlândia. Entendem? Isso só para ilustrar as minhas jornadas, que não são travessias físicas, como sair do Planalto Central... Eu gosto de trabalhar com isso, todo o caminho do Planalto Central até chegar ao Planalto Meridional.

Bem, preciso pensar, porque sou desse jeito, sigo caminhando. Não é algo setentrional, entende? Portanto, estamos falando do planalto meridional, o planalto das Araucárias, o terceiro planalto de Apucarana, que fica próximo à Londrina, onde se encontra a parte mais alta, com pouco mais de mil metros, enfim. Então, essa travessia não é físico-geomorfológica ou hidrográfica. Que tipo de travessia seria essa? Trata-se dessa questão. Que travessia seria essa que eu estava realizando? Mas você acredita que foi simples assim? Saí de Rio Verde, fui para Rio Claro, voltei para Goiânia e, então, cheguei a Londrina? Como foi esse processo? Voltei de Rio Claro em 1980 e só fui para Londrina em 1982. Porque eu não tinha nenhum contato. Saía de Goiânia, pegava o ônibus, chegava a Campinas, pegava outro ônibus para Rio Claro e pronto, ia embora. Mas quando estava em Rio Claro, trabalhando com morfometria, conheci um grande professor da Universidade Federal do Amazonas, que estava fazendo mestrado na USP com... Nossa, esqueci o nome dela, mas ela é bem conhecida na Geografia Humana. Extremamente marxista... e, depois, foi para Uberlândia[12].

Se ele souber que esqueci o nome, ele vai rir... Ele me chamava de "Lu", e nós nos aproximamos bastante. Eu ia com frequência para São Paulo. E foi quando... Bem, nós estávamos lá discutindo a criação do PT. Então, havia todo esse movimento ocorrendo. Eu saía de Rio Claro, trabalhando com morfometria, um tanto alienada em relação à Geografia, mas ia para São Paulo e fazia essas novas leituras fantásticas. Sim, aí voltei para Goiânia em 1980, tudo tranquilo. Família feliz! "Vou voltar para casa", pensei. Meu pai até deu um depoimento sobre isso, dizendo que eu estava voltando e que todos achavam que eu ficaria. Mas, de repente, eu estava dando aulas na Universidade de Londrina. E naquela época, eu nunca tinha enviado currículo para lugar nenhum, exceto talvez para o Amazonas, e alguns lugares no Nordeste, mas não fui chamada. Nunca imaginei Londrina, nunca mandei currículo para lá, e de repente, estava em

[10] Projeto estatal criado em 1970 para realizar sensoriamento remoto e cartografar os recursos da Amazônia, posteriormente expandido para o país como um todo em 1975, em que passou a ser denominado como RadamBrasil.
[11] Prof. Dr. Antônio Teixeira Guerra.
[12] Ela se refere ao Prof. Me. Luiz Gonzaga Falcão Vasconcelos.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Londrina! Como? Voltei para Goiânia, não me lembro quando foi minha qualificação, pois já tinha terminado os créditos, tudo de forma bem tranquila. Então, pensei: "Tudo bem, vou voltar para Rio Verde", pois minha licença já havia acabado e minha bolsa também. E como não havia trabalho, pensei: "Vamos voltar para Rio Verde", mas aí alguém disse: "Lúcia Helena não volta para Rio Verde." Era dezembro, perto do Natal e do Ano Novo. Atendi o telefone, aquele telefone preto. Eu morava em Goiânia. Era um grande amigo de Pernambuco, superativista, comunista. Infelizmente, ele faleceu, sofreu muito, teve muitos problemas... Sinceramente, não me lembro o nome agora. Ele era muito amigo daquele outro amigo de quem também não consigo lembrar o nome agora. Nossa, estou revelando coisas que nem sei se já compartilhei antes. Mas, enfim, esse é o meu estar no mundo. Desde então. Nós estamos no mundo desde que nascemos, não é? Esse é o meu estar no mundo.

Aí, tudo bem. Passei pela USP um dia e vi um cartaz: "Precisa-se de professor de Geomorfologia"..."Precisa-se de professor de Geomorfologia com créditos de mestrado concluídos", nem era qualificação. Estava naquela situação em que terminei os créditos do mestrado, enfim, já estava com os créditos completos. Então, recebi uma proposta da Universidade Estadual de Londrina. O que eu iria fazer? Minha vaga de emprego ainda estava em Rio Verde, mas essa mudança não foi só por isso. Quando voltei para Goiânia, fiz um concurso em um colégio que vocês conhecem. Na época, o colégio Hugo de Carvalho Ramos, que hoje infelizmente se tornou um colégio militar, mas na época acreditávamos no projeto. Esse colégio foi criado pelo governo do Estado, durante um governo muito conhecido, mas cujo nome agora me escapa. Na verdade, eu havia apresentado um projeto para trabalhar com planejamento governamental, mas também não fui chamada. Provavelmente porque eu não teria aceitado mesmo, estava em outra perspectiva, em outra dinâmica cosmológica, por assim dizer. Se eu tivesse entrado lá, estaria em outra dinâmica.

Eu fiz o concurso para duas vagas. Inclusive, uma das avaliadoras era a professora Stella Godoy, se não me engano, e a outra professora havia sido pró-reitora, a mesma que aprovou meu Projeto Rondon para Picos, no Piauí, em 1976. Já naquela época, no segundo ano da faculdade, eu estava envolvida com o projeto Rondon. Mas voltando ao concurso de Goiânia, fui aprovada em primeiro lugar. Ainda havia a possibilidade de voltar para Rio Verde. E então, recebi esse convite: enviar meu currículo para Londrina. Enviei e fui aprovada. Tudo isso aconteceu no final do ano, e no começo de janeiro eu já estava em Londrina para a entrevista. Em fevereiro, comecei as aulas.

Respirei fundo e não questionei nada. Naquela época, tudo era resolvido por telefone. Recebi a ligação da professora Nilza, que era chefe do departamento, dizendo que eu tinha sido aprovada e que precisava assumir as aulas em fevereiro. Ela e a professora Yoshiya eram as mais influentes no departamento. Eu disse à professora Nilza que tinha acabado de ser aprovada em um concurso em Goiânia e precisava fazer um treinamento de dois ou três dias. Era um treinamento realizado pela Marinha do Rio de Janeiro, o que mostrava que o colégio já estava sendo moldado para ser militar, embora não tivesse esse nome naquela época.

Hugo de Carvalho Ramos era considerado um colégio modelo. Eu me sentia no paraíso ao pensar em começar a dar aulas ali. A professora Nilza, então, me disse: "Tudo bem, esperamos você terminar o treinamento". Afinal, eu já tinha passado no concurso em Goiânia, mas ainda havia a possibilidade de ser chamada para Londrina. Então, fui para Londrina, fiz a entrevista em janeiro, e fui aprovada. Eu já tinha sido aprovada pelo currículo, mas naquela época era necessário estar fisicamente presente para a entrevista. Não era como hoje, onde muitos nem

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

vivenciam essas experiências. Foi uma travessia morfológica de Goiânia até Londrina.

Como escrevi na minha tese[13], "andei, andei, andei até encontrar meu lugar sertanejo". Esse é o meu lugar. No entanto, quando cheguei a Londrina, ainda precisava concluir meu trabalho em Rio Claro, sob a orientação da professora Margarida. Assumi várias disciplinas aqui, inclusive para os cursos de Química, Biologia e Geologia. Na época, o departamento ainda não era de Geografia, mas de Geociências, com uma ênfase muito forte em geologia e geomorfologia. Nós trabalhávamos em conjunto com Engenharia Civil e Arquitetura. Mais tarde, o departamento foi dividido em dois, e hoje existe essa disputa.

Em "off", acredito que a Geografia vai desaparecer, porque... enfim. Você acha que vou sofrer com isso? Não. Eu sempre fui feliz, e foi assim que encontrei Bachelard.

Não tenho vergonha de dizer que sou uma pessoa feliz, encantada. Então, não sofri com as mudanças. O que eu tive que fazer para seguir essa nova destinação? Deixar o Planalto Central e seguir para o Planalto Meridional. Uma nova luz surgiu, ressurgiu, e me deu uma nova oportunidade. Tive que abrir mão da minha vaga em Goiânia, de um ótimo salário, estava na casa dos meus pais, no cerrado. Talvez eu não tivesse tanto enraizamento lá, e precisei sair para fortalecer minhas raízes, da Terra Natal para a Terra Onírica.

Fui conversar com a diretora da escola, professora Luzia, e disse: "Fui chamada para Londrina, o que você acha?". Ela me respondeu: "Vá embora, Londrina é uma das três melhores universidades do Brasil". Na época, as três universidades com os melhores salários eram a Universidade Federal do Amazonas, a Universidade de Uberlândia, e a Universidade Estadual de Londrina. Eu havia até mandado currículo para a Universidade Federal do Amazonas, mas não fui chamada. E aqui estou.

[CSJ]: Aproveitando a oportunidade que surgiu aqui, eu gostaria de perguntar sobre esse seu percurso. Nesse ser-no-mundo e nesse ser-do-mundo, em que momento você encontrou Lívia em Rio Claro? Porque, de fato, sua proximidade e trajetória com ela parecem se entrelaçar mais adiante. Como foi, nesse contexto de sonho e de encontro com Bachelard, com Tuan e com Lívia, que você transitou da geomorfologia, naquele sentido mais sistêmico da época do Christofoletti, para uma geomorfologia voltada para a Geografia Humanista e Cultural?

[LG]: Você deu um salto aí.

[CSJ]: É que a gente vai pelos meandros...

[LG]: Nossa, foi...

[CSJ]: ... do Araguaia

[LG]: ... é um grande meandro. Até porque o Araguaia tem meandros...

[CSJ]: Ele tem meandros, ele tem formações de ilhas, tem cânions.

[LG]: Inclusive, há cânions... já tive experiências muito interessantes nesses cânions. Mas, sim,

[13] GRATÃO, L. H. **A poética d' "O RIO" - ARAGUAIA! De cheias... & vazantes... à luz da imaginação!** (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

muitos meandros. Acho que minhas travessias são mais por meandros. Acredito nisso. Estou sempre em movimento. Vou seguir essa linguagem que você me apresenta. Eu estava em Rio Claro, em 1979, 1980. Lívia traduziu o livro do Tuan em 1980.

O primeiro foi *Topofilia*[14]. Depois veio *Espaço e Lugar*[15]. Ela traduziu *Topofilia* e *Percepção do Meio Ambiente* em 1980. Naquele ano, eu estava lá. Se cruzei com Lívia de Oliveira, foi pouquíssimas vezes, e falei com ela mínimas vezes. Havia dois departamentos, e isso é algo relevante para vocês que estudam essa questão, que eu sempre menciono. Eu nunca tive acesso a trabalhar diretamente com o pensamento e a epistemologia; nesse sentido, me considero alienada. Quando a Geografia Humanista surgiu, não foi aberta para mim, mas isso é outro ponto. Vamos voltar ao assunto.

Então, estava lá, e Lívia estava traduzindo Tuan nesse período. Havia o Departamento de Planejamento, do Christofoletti, e outra área relacionada ao planejamento e à produção do espaço, algo que estava emergindo devido à influência da Geografia Humanista. Antes disso, esses dois departamentos eram bem definidos, mas eu não me lembro exatamente dos nomes. O curioso é que Lívia de Oliveira não estava propriamente inserida em nenhum desses departamentos, porque ela trabalhava com Piaget e cartografia, então sua posição ali era um pouco indefinida, pelo que observei.

Lívia era uma orientadora rigorosa. Lembro-me de colegas voltando de suas orientações bastante emocionadas, algumas até chorando. Morei em uma república com uma de suas orientandas, e Lívia tinha a fama de ser muito exigente, embora sempre generosa e respeitada. Sua casa recebia estudantes de todo o Brasil, que iam até ela em busca de orientação. No entanto, não tive convivência direta com Lívia, e não me recordo de ter entrado em sua sala.

O grupo de pós-graduação organizou um evento em Piracicaba, onde Lívia foi falar sobre o lançamento de seu livro. Eduardo e eu conversamos sobre isso recentemente, e ele se lembrou exatamente qual foi o evento. Fomos até lá em uma Kombi, e assisti à palestra da professora Lívia de Oliveira. No entanto, não havia nenhuma ligação direta com Tuan naquela época. Você pode pensar que minha relação com Tuan começou ali, mas eu nem sabia quem ele era. Tanto que, quando terminei meu mestrado – o que foi um salto grande na minha trajetória – terminei em São Paulo, sob orientação do professor José Bueno Conti.

Ele também foi meu orientador no doutorado, sempre na área de geomorfologia, porque ele sabia do meu interesse nessa área. Até porque lá, na USP, não havia essas divisões, como Geografia Física, por exemplo. Ele aceitou orientar, dando uma certa continuidade ao trabalho, mas não era algo garantido; eu passei pelo processo seletivo normalmente. No entanto, não houve exatamente uma continuidade. Eu não trabalhei com temas urbanos, mas sim com a produção do relevo, seguindo uma linha de pensamento próxima à do Valter Casseti e da própria Margarida Penteado, focada nos processos geomorfológicos. No meu mestrado, eu trabalhei com os impactos geomorfológicos causados pela construção do autódromo, que provocou grandes alterações nos processos da bacia hidrográfica ali. Esse foi o foco do meu mestrado. É por isso que eu disse que houve um grande salto na minha trajetória. Nada disso estava

[14] TUAN, Y. **Topofilia**: Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. 1ª Ed. Tradução de Lívia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1980.
[15] TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. 1ª Ed. Tradução de Lívia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

relacionado à percepção, muito menos ao doutorado, como algumas pessoas pensavam.

Houve até quem perguntasse, ou comentasse dentro da Geografia Humanista: "Ah, a professora Lívia de Oliveira não fez parte da sua banca?" Não, porque eu não estava trabalhando com percepção. Inclusive, lembro-me de um episódio quando desci a rampa da Geografia com o professor Conti, e ele me apresentou a uma professora muito conhecida e amiga dele, da área de Geografia Agrária. Ele disse: "Esta é a Lúcia Helena, minha orientanda, que está trabalhando com o Tuan." A professora respondeu: "Mas o Tuan é um louco!" Eu brinquei com o Conti: "Ah, tudo bem, então estamos no caminho certo." Naquele momento, minha pesquisa não tinha nada a ver com Geografia Humanista ou com Lívia de Oliveira como referência. Não sei se na minha tese há alguma citação específica à Lívia de Oliveira, talvez na linha da percepção, mas certamente não na linha da Geografia Humanista.

Eu não conheci Lívia de Oliveira em Rio Claro, apenas sabia que ela tinha traduzido o livro do Tuan. Como esse não era o meu campo de estudo na época, não tive nenhuma influência ou relação com ela. O primeiro contato verdadeiro entre nós ocorreu quando ela veio a Londrina, por volta de 2003, para participar de uma Semana de Geografia depois que eu defendi minha tese. Lívia veio para essa semana de Geografia e tomou contato com o meu trabalho. Tenho a impressão de que ela conheceu meu trabalho aqui, mas não tenho certeza. Fizemos uma entrevista com ela durante essa semana, algo comum na época, e essa entrevista foi realizada por mim e pelo Eduardo, no anfiteatro do CCH, um local muito agradável onde sempre realizávamos esses eventos. Durante a entrevista, em um determinado momento, Lívia disse algo que me marcou: "Lúcia Helena foi ousada, tem que ser ousada. Lúcia Helena foi ousada." Ela ficou bastante surpresa com o meu trabalho, e essa foi a primeira vez que ela comentou algo assim. Ela sabia que meu trabalho não estava relacionado à percepção ou ao meio ambiente, pois muitos esperavam que eu estivesse trabalhando com questões como a degradação ou a preservação do Araguaia, mas não era esse o caso. Meu trabalho seguia uma linha diferente, voltada para a terra, algo que despertava e conduzia a reflexões mais amplas.

Nosso contato começou ali, e depois, em 2005, organizamos o SINPEC. Você provavelmente já ouviu o Werther[16] falar sobre o SINPEC, que se tornou uma grande referência para muitos de nós. Na verdade, já estávamos começando algo naquela época. E, com muito carinho, quero falar sobre nosso grupo aqui, o grupo de Geografia Humanista.

[CSJ]: Eu já ia perguntar sobre isso... Inclusive, eu estava aqui anotando, SINPEC para falar sobre a Geografia Humanista.

[LG]: O SINPEC teve como base o trabalho que estávamos desenvolvendo. Era um grande evento, mas os primeiros sonhadores estavam ali.

Simpósio Nacional de Percepção e Cognição em Meio Ambiente, SINPEC. Então, esse movimento já estava, de certa forma, iniciado. O Pablo sempre dizia: "Há 21 anos, 21 anos atrás...", e assim por diante. Antes mesmo de chamarmos o grupo de estudo "Geografia e Humanismo" — veja bem, Geografia e Humanismo, sem pretensões naquele momento —, realizamos o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto eventos. Depois, o grupo meio que se dissolveu. Não sei se "dissolveu" é a palavra correta... Ele se transformou. Enfim, porque se tornou o GHUM. Não tinha pensado nisso antes. O Eduardo comentou sobre o fato de não terem

[16] Prof. Dr. Werther Holzer.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

ocorrido outros eventos. Talvez tenha sido porque o grupo se expandiu, incluindo Londrina e Unicamp, e acabou se consolidando no GHUM.

O grupo que organizou o SINPEC era aquele grupo inicial [de formação do GHUM]. O SINPEC foi realizado em homenagem à Lívia de Oliveira. Naquele momento, Lívia de Oliveira passou a ser reconhecida como pioneira da Geografia Humanista. Até então, eu nunca tinha ouvido ninguém apresentá-la dessa forma, nem em outros eventos. E foi a partir desse momento que Lívia de Oliveira começou a ser citada como uma referência, uma pioneira da Geografia Humanista. Inclusive, fizemos uma entrevista com ela que foi publicada no Jornal da UEL, com o Oswaldo Amorim. Já na época, eu lia os trabalhos de Geografia Humanista, como os escritos de Christofoletti.

[CSJ]: Como o livro "Perspectivas da Geografia"[17], que tem aquele capítulo do Tuan sobre a Geografia Humanística.

[LG]: Exatamente, aquele livro...

[CSJ]: E foi no SINPEC que houve aquela discussão entre o Werther e a Lívia, onde chegaram ao consenso de que o termo correto seria "Geografia Humanista", e não "Humanística", certo?

[LG]: Isso mesmo. Essa discussão começou lá. Inclusive, na minha tese, já faço essa distinção, e isso foi antes da palestra da Lívia aqui, que ocorreu em 2002. A palestra dela foi em 2005, quando vieram Amorim e Lívia, grandes nomes da área. Então, foi a partir desse momento que Lívia de Oliveira passou a ser reconhecida como pioneira da Geografia Humanista. E foi aí que eu, curiosamente, retomei a leitura de Tuan. Na verdade, não só retomei, mas comecei a ler Tuan de forma mais profunda.

[CSJ]: Estudar, em vez de apenas ler.

[LG]: Exato. Agora é que vou estudar Tuan de fato, vou me aprofundar nos estudos dele. E, ao mesmo tempo, começo a me questionar: Tuan faz parte da Geografia Humanista por causa da fenomenologia? Porque isso acaba se tornando uma questão. Todos acreditam que... por onde começar? Estudar ou investigar a fenomenologia? Qual o ponto de partida? Quem introduziu a fenomenologia na Geografia? O Amorim... ele me levou para outra direção. O Oswaldo Amorim já discutia isso em uma revista publicada pela Universidade Federal de Minas Gerais[18], voltada para o ensino. Eu lia essa revista, assinava para usar em minhas aulas nos anos 1990. Podemos voltar a esse assunto depois, mas seu texto foi uma referência importante, assim como a perspectiva da Geografia naquela época. Isso me serve para afirmar que não comecei ontem. Entende? E que é necessário estudar, realmente estudar.

E quando alguém cita uma frase de Lívia de Oliveira em Tuan, isso eu não consigo lidar, me perdoe. Então, voltei a estudar Tuan de forma completa, incluindo um texto que tenho grande vontade de ver traduzido. Por que vocês não traduzem? Está na revista *Landscape*[19], número 11, algo assim, e fala sobre Bachelard. Eu não encontrei essa referência durante meu doutorado, mesmo sendo muito dedicada à pesquisa em Rio Claro. Eu praticamente morava na biblioteca,

[17] CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL,1982.
[18] Revista Geografia e Ensino.
[19] TUAN, Y. Topophilia: or, a Sudden Encounter with the Landscape. **Landscape**, v. 11, p. 29-32 1961.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

consultava várias revistas, muitas delas alternativas e até anarquistas. Às vezes, eu encontrava xerox de textos dessas publicações. Mesmo sem ter grande afinidade com línguas estrangeiras, ali era necessário ler inglês. Havia várias revistas, desde as mais alternativas até as mais conservadoras. Sei os nomes de muitas delas, mas agora não me recordo.

Então, Lívia veio, Amorim também, assim como diversos pesquisadores do Brasil inteiro, incluindo psicólogos. Um grande psicólogo veio do Rio Grande do Norte, e ele era da área de literatura. Foi um encontro transdisciplinar, quase poético, pois todos esses aspectos estavam presentes ali. Essa foi a primeira vez que apresentei meu trabalho em sala, abordando a questão da geopoética, algo que venho repensando até hoje. Esse evento foi em 2005.

[CSJ]: Você estava falando do SINPEC. E há algo que você mencionou, se me permite uma breve intervenção, que foi sobre o evento poético. Acredito que, de fato, faz muito sentido essa ideia de ser um evento poético, no sentido em que "poético" vem de *poiésis*, que significa criação. E o SINPEC foi o ponto de partida, de onde brotaram as águas que deram origem ao que hoje conhecemos como GHUM, que é o grupo mais relevante que temos no campo da Geografia Humanista no Brasil. Não estou desmerecendo outros grupos de Geografia Cultural, apenas mencionando que, no contexto da Geografia Humanista, é o grupo que mantém o nome, a ótica e a ideia específica do projeto que começou com Tuan, Relph, Anne Buttimer, entre outros, na década de 1970.

[LG]: Então, você tocou em um ponto importante... gostaria que a poética fosse vista, contemplada e apreciada dessa forma. Tenho me questionado sobre a minha própria relação com a geopoética. Preciso entender isso de forma clara para mim. Será que faço geopoética ou apenas uma poética da terra? Mas essa é uma outra discussão. E é interessante, porque você menciona um grupo que é nosso, o GHUM, um grupo nacional, que tem um perfil diferenciado. Não creio que seja um perfil de Geografia Cultural. Não estou criticando ou avaliando nenhum grupo, tampouco os pequenos grupos que surgiram, sejam eles focados no geopsíquico ou outras questões urgentes. Não é esse o ponto. E o meu próprio grupo, que acabou não avançando, é algo que gostaria de discutir mais adiante. Veja só que ousadia. Nosso grupo da UEL. Existe um grupo de Geografia Humanista na UEL? Essa é uma pergunta que podemos fazer. A UEL tem, de fato, um grupo de Geografia Humanista? Estou refletindo sobre isso. Porque... enfim, a influência da Lívia é algo que me leva a perguntar mais uma vez: como cheguei à Geografia Humanista? Foi o reencontro com Lívia de Oliveira? Sim, não, talvez não exatamente, acho que não foi bem assim.

[CSJ]: Talvez você possa falar um pouco mais sobre o seu encontro com... a poética das águas.

[LG]: Fico um pouco preocupada, pois as pessoas... eu enfrentei muitas resistências por causa disso. Se eu tivesse chegado, entre aspas, pela Geografia Humanista de maneira mais tradicional, talvez não tivesse ficado tanto à margem. No entanto, sou muito feliz por estar na margem, pois sempre dizia aos meus alunos: "Estar na margem permite contemplar o rio mais de perto". Não estou negando que, estando no topo, você tenha outra visão. Por que estou levando essa conversa para outro caminho? Estou pensando na relação entre o eixo terra e céu.

[CSJ]: Isso é abordado em *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*, do Tuan. Há até aqueles esquemas, lembra?

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

[LG]: Ah, meu Deus. Será? Estava pensando em perguntar: será que minha visibilidade na Geografia Humanista foi alcançada por meio de Bachelard? Foi a ousadia de trazer Bachelard para a Geografia que me fez ser notada na Geografia Humanista? Porque, no meu departamento e nos lugares que frequentava, ninguém falava sobre Geografia Humanista. Sempre fui associada ao Bachelard. Os debates sempre giravam em torno dele. Não sei... Enfim, não tenho certeza se foi Tuan quem me conduziu à Geografia Humanista, pois eu já havia encontrado essa fonte, essa correnteza caudalosa, antes mesmo de me aprofundar nisso. Foi só depois do SINPEC que retomei a leitura de Tuan. E, na verdade, gostaria de abrir um parêntese. Tuan foi uma grande referência em nosso grupo, que não é mais Geografia e Humanismo, mas *Café com Leitura*. Reuníamo-nos para o *Café com Leitura*... Quando começamos mesmo? Esqueci. Gostaria de retomar a questão da relação com Lívia, pois houve um momento significativo, talvez relacionado com a vinda dela, pouco depois do SINPEC. Estou me desviando demais. Mas foi logo após o SINPEC. Ela não voltou aqui depois do SINPEC? Ah, sim, voltou no lançamento... das edições.

[CSJ]: Exatamente, foi em 2012 ou 2013[20], e houve também "A Paisagem do Medo"[21], de 2005.

[LG]: E também "Geografia e Literatura"[22]. Sempre organizamos eventos, e ela esteve presente nos dois. Em 2010, foi o evento "Tuan e Geografia e Literatura", e em 2011... novamente. Então, foi nesse período que... sim, a partir do SINPEC, a aproximação se intensificou, especialmente por meio desses eventos. Foi quando ela cogitou a possibilidade de eu realizar o pós-doutorado com ela. Esse foi um processo longo. Recentemente, encontrei uma carta dela em que dizia que, se eu quisesse fazer o pós-doutorado com ela sobre o tema do sabor, ela me aceitaria. Levei quase uma década, ou algo assim, para ir a Rio Claro e realizar o pós-doc com ela. Mais uma vez, estou atrasada... e envelheci. Fui fazer o pós-doutorado aos 61 anos, entre 2011 e 2012.

[CSJ]: Mas há coisas que precisam ser maturadas com o tempo para darem certo. Se pensarmos, por exemplo, na mandioca, nas folhas da mandioca, você não pode comê-las imediatamente, pois seria prejudicial.

[JF]: Acho que cada pessoa tem sua própria temporalidade. Muitas vezes pensamos o tempo de forma linear, mas cada um tem o seu ritmo, e isso é perfeitamente normal. Não há um cronograma rígido a ser seguido.

[CSJ]: Isso é interessante, especialmente quando lemos seu livro sobre a poética da terra e o sabor do pequi goiano[23] — estou parafraseando o subtítulo, pois não lembro ao pé da letra — mas parece que há algo relacionado a isso, um tempo para saborear o pequi, um tempo para absorver tudo isso...

[JF]: Sim, até para morder o pequi.

[20] TUAN, Y. **Topofilia**. Londrina: EdUel, 2012.; TUAN, Y**. Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.
[21] TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
[22] MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.
[23] GRATÃO, L. H. B. **Poética da Terra**: Saborear o cerrado, pelo pequi goiano. Teresina: Cancioneiro, 2024.

[CSJ]: E, de fato, existe um tempo...

[JF]: Se você morde o pequi diretamente, acaba se machucando, então há todo um processo...

[LG]: E você mencionou essa questão do tempo, e está tudo bem. Realmente, está tudo bem. Para mim, honestamente, isso não me incomoda, de verdade. Só queria registrar isso. Foram dez anos entre o mestrado e o doutorado, dez anos para o pós-doutorado, dez anos para cada mudança significativa. Parece que tudo acontece em décadas.

[CSJ]: Mais uma década para publicar o livro? Que é, na verdade, o relatório do pós-doutorado, bem fundamentado e completo.

[LG]: Exatamente, é tudo em ciclos de uma década. E essa questão do tempo está intrinsecamente ligada ao tempo da Terra. É a própria poética da Terra, o tempo da terra. A mandioca, por exemplo, tem o seu tempo. Participei da banca da Efigênia, que abordou justamente a mandioca e a produção de farinha de mandioca. Foi fascinante. Quando ouvi, pensei: "É isso mesmo, faz todo sentido". É o tempo da lua. Hoje de manhã, escrevi para o Felipe. Na verdade, pensei que estivesse escrevendo para você, mas era para ele. Ele mencionou que estava passando por uma fase conturbada, e eu disse: "Só falta um furacão na sua vida". Escrevi a ele algo nesse sentido: o tempo de nascer, o tempo de viver... É por isso que falo tanto sobre isso, porque esse é o tempo da terra, o tempo do pequi, o tempo da mandioca. Existe também o tempo da lua. O pequi, por exemplo, tem o seu ciclo. O pequi de Goiás tem um período de colheita e florescimento, enquanto o pequi do Piauí segue outro ciclo. Tudo é estacional. Muito se discute sobre a sazonalidade, especialmente a climática. E nós, seres humanos, também somos seres sazonais. Na verdade, somos seres criados pela Terra. Quando alguém aborda temas como astronomia ou tarô, muitos questionam se isso é Geografia. E a resposta é sim, isso também é Geografia. Por quê? Porque está relacionado ao cosmos, a uma outra dimensão temporal. Quando discutimos a questão do tempo, falamos de diferentes escalas: o tempo geológico, o tempo climático, o tempo antrópico, e há ainda o tempo social... como o tempo de urbanização. Nem tudo se enquadra nesse tempo social. Há o tempo da urbanização, mas agora nem sei em qual tempo estamos. E o tempo da terra, onde está? Foi renegado? Usurpado? Como devemos entender isso? Mas, voltando ao ponto...

Fiz duas coisas rapidamente antes de me aposentar. A primeira foi subir de nível. As pessoas costumam dizer: "Você vai se aposentar com o salário que já poderia ter alcançado há muito tempo, subindo de nível." Não cheguei a Associado C, apenas alcancei os níveis A e B. Depois me aposentei por outras razões. E fiz o pós-doutorado. Pensei: "Como não vou fazer o pós-doc? Não faz sentido." Fiz sem licença e sem bolsa. Foi um pós-doutorado de um ano, não de seis meses, literalmente um ano. E, infelizmente, não estou com o relatório aqui, gostaria de tê-lo trazido para mostrar. O livro, que está ali, foi escrito em 2012, exatamente como está agora: com o mesmo sumário, as mesmas fotos. O que Eduardo e eu fizemos foi ajustar algumas frases, algumas expressões que talvez não fossem mais adequadas para os dias de hoje. Uma coisa simples que me chamou a atenção foi o uso da palavra "caligrafia". Eu escrevi que "a terra é caligrafada". Com todo esse movimento global de inclusão, neocolonialismo, etc., percebi que "caligrafia" pode ser considerada uma palavra elitista. Eu nem havia pensado nisso. Usei o termo porque aprendi a caligrafia e gosto de praticá-la. Minha escrita é caligrafada, como se fosse em um caderno de caligrafia. É interessante como essas coisas acontecem. Então, simplesmente, removi "caligrafia da terra", embora eu goste dessa expressão. Fiz algumas

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

alterações também, eliminando trechos que já não estavam em sintonia com o presente. Não sei se foram páginas inteiras ou só algumas frases. Fiz essas mudanças por causa de Lívia de Oliveira. Porque, veja, meus colegas fizeram pós-docs aqui, e nada disso foi escrito. Os relatórios são simples, eles preenchem o formulário, enviam ao CRH e pronto.

[CSJ]: Algo que acho curioso é que, normalmente, os relatórios de pós-doutorado são muito curtos, muitas vezes quase como um artigo. E o seu, ao contrário, é um livro completo, um material muito substancial.

[LG]: E se você olhar o relatório literal, o relatório original, há uma primeira parte que é o relatório do pós-doc em si, sabe, aquele relatório formal, burocrático, com tudo o que fiz detalhado. Inclusive, há uma outra abertura, graças novamente à minha disposição e impulso para fazer o pós-doc: o seminário de sabores geográficos. Não sou eu que estou dizendo, está lá no relatório, e agora está na sua quarta edição. Ele foi idealizado, como consta no relatório — não está no livro, mas no relatório —, como parte do projeto. Precisava cumprir uma série de requisitos: bibliografia, atividades, a realização de um seminário sobre sabor. E não é sobre a Geografia do sabor, mas sobre o sabor geográfico. Isso, junto com o livro e as pessoas que estão trabalhando com o tema, faz parte de outra discussão que venho desenvolvendo. Eu não faço Geografia do sabor, eu faço sabor geográfico. E o sabor geográfico está relacionado à terra, ao sabor da terra, à Geografia da terra. Assim, eu construo meus argumentos pela ótica do sabor geográfico[24], pela Geografia, certo?

[JF]: E sobre o seu encontro com Bachelard, como se deu? Como começou esse...

[LG]: Esse sonho?

[JF]: Sim, esse fluxo, esse sonho, essa ligação com Bachelard?

[LG]: Nossa, aí é outra viagem.

[CSJ]: Não se preocupe, nesse rio podemos ter vários meandros.

[JF]: Sim.

[LG]: Ele pode ter vários meandros, mas também pode ter um cânion pelo qual ainda não passamos, parece.

[CSJ]: Passamos bem perto. Fomos margeando, como você disse, pelos halteres.

[JF]: É, pertinho.

[LG]: Sim, passamos por isso. E também há as cascalheiras. Que correnteza dessa trajetória seriam as cascalheiras? Porque eu vivi as cascalheiras, que é quando você precisa parar o barco, tirar o barco do rio, não seguir o curso natural. Isso foi algo fantástico. Entendeu? O Araguaia também tem corredeiras, que não são nem cascalheiras, nem cachoeiras. Desculpe, na verdade, são as corredeiras que precisam ser evitadas, não as cascalheiras. As cascalheiras, você pode esperar. As corredeiras, sim, porque são pequenas quedas d'água, mas não são cachoeiras como estamos acostumados a ver. Inclusive, na Serra das Andorinhas, há várias cachoeiras que surgiram a partir da história do Araguaia. Eu, pessoalmente, não explorei muito essas ruínas.

[24] GRATÃO, L. H.; MARANDOLA JR, E. Sabor da, na e para a Geografia. **Geosul**, v.26, n.51, p.59-74, 2011.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Nossa, usei outra expressão! Essas ruínas da Serra das Andorinhas, que estão ligadas ao movimento do Araguaia. E aí, você simplesmente não pode continuar, precisa esperar o momento certo, a velocidade adequada.

Agora, com as cascalheiras, é diferente. Ali você pode parar, sair do canal do rio, descansar, fazer um lanche e apreciar a paisagem. Isso está presente na minha tese. Esses desvios que mencionei agora, esses equívocos que cometi. Além disso, há os remansos, que são uma presença significativa, representando os grandes meandros. O Araguaia é um rio cheio de conversas, de pausas, de remansos e de contemplações, com muitos meandros entrelaçados por esses outros elementos. Posteriormente, gostaria muito de discutir mais a fundo, já que vocês estão se dedicando a ler minha tese. Sabe, sem pressões...

Pouquíssimas pessoas leram minha tese, para não dizer que ninguém leu. Por quê? Primeiro, porque ela não está disponível. Mas todos sabem onde encontrar os autores mencionados; basta ir atrás. Segundo, porque muitos pensam que minha tese só trata do rio. Mas é uma tese sobre a correnteza, sobre tudo o que envolve isso. E é isso que espero que possamos espalhar, com o que vocês estão fazendo, para que essa correnteza se difunda. Que não seja apenas influenciada por Gratão, pelas águas e sonhos de Bachelard, pela sedução de Bachelard. Porque, de fato, quem me levou ao Rio Araguaia foi Bachelard.

Eu não fazia ideia do que faria no doutorado. Terminei o mestrado em 1992 e entrei no doutorado em 1997, defendendo em maio de 2002. Após o mestrado, todos me cobravam, até porque estavam implementando o curso de pós-graduação, o que seria importante para a minha carreira. Hoje percebo que essa pressão era mais por conta de títulos, para compor quadros, para contribuir com o curso. Mas, ao final, nunca fui aceita. E quando digo que não fui aceita, quero dizer que minhas disciplinas não foram aprovadas e nunca fui inserida na estrutura, talvez por falta de um "remanso" próprio. Assim, não participei do curso de pós-graduação. Na verdade, nunca tive vínculo formal com nenhum curso de pós-graduação.

Minha conexão com Bachelard, acredito, é tão forte porque ele me levou de volta à Terra. Hoje, sei que ele me direcionou à Terra, mas naquele momento, ele me convidou a mergulhar nas águas. E agora, minhas leituras dele me fazem retornar à Terra. Quando comecei, eu não conhecia Bachelard. Conheci suas obras, Jéssica, uma noite, na biblioteca da UEL, entre o final da tarde e o início da noite. Costumávamos passar muito tempo lá antes de ir dar aula à noite. Estava buscando bibliografia para preparar minhas aulas de geomorfologia, especificamente sobre geomorfologia urbana.

Na biblioteca, havia dois volumes de *Urban Geomorphology*[25] de Coates, uma obra que, ao que parece, ninguém nunca abriu. São dois livros fantásticos sobre geomorfologia urbana. Naquele momento, eu estava trabalhando com o tema da urbanização. Contudo, meu primeiro livro foi emprestado e nunca devolvido. Comprei outro, mas, novamente, ele não foi devolvido. Hoje, tenho uma edição da Martins Fontes[26], que ainda é uma boa edição, mas não a mesma que eu encontrei naquela ocasião.

[CSJ]: Então você encontrou a primeira edição da Martins Fontes?

[25] COATES, D. R. (Org.) **Urban Geomorphology**. Bolder: The Geological Society of America,1976.
[26] BACHELARD, G. **A água e os sonhos** - ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

[LG]: Sim, em 1989. Disso eu tenho certeza, porque era a primeira edição da Martins Fontes. Mas por que era da Martins Fontes? Porque eu estava caminhando e, casualmente, o vi. Foi uma descoberta. Eu estava andando, olhando as prateleiras, e de repente parei. Vi um livrinho vermelho, entre tantos outros. Alguém até perguntou se havia outras obras de Bachelard naquela prateleira. Eu respondi que não sabia. Peguei aquele livro, olhei para ele, *A Água e os Sonhos*. E pensei: quem será o autor? Fiquei intrigada. Descobri ali um novo caminho para a Geografia. Eu não tinha nenhuma ligação anterior com filosofia, não sabia de onde vinha aquilo. Quando li o título, "Água e Sonhos", pensei: o que isso tem a ver comigo? Na minha formação, nunca tive filosofia. Já tinha ouvido falar de Sartre, Foucault, e até Heidegger, pois li *Ser e Tempo*[27], mas nunca havia tido contato com Bachelard. E ali estava ele, não como uma simples coincidência, mas como algo que foi recolhido da prateleira e acolhido por mim, de corpo e alma, pela fenomenologia... do coração, como ele mesmo fala, antes mesmo da fenomenologia da imaginação poética. Peguei o livro, levei para casa e nunca mais me desvinculei de Bachelard. Ele passou a me acompanhar em tudo.

Se o livro é de 1989 e eu estava envolvida com a geomorfologia e a urbanização, provavelmente encontrei *A Água e os Sonhos* por volta de 1990 ou 1991. A Jeane[28], que foi minha aluna, tem certeza de que já levei Bachelard para a sala de aula em 1993, durante o curso de especialização. Eu já estava trabalhando Bachelard naquele período. Usava suas ideias no curso de especialização, em 1993, e a Giane fazia parte da minha turma. Talvez outros alunos tenham ido embora e não tenham essa lembrança. Em 1997, já defendia a dissertação e a especialização sobre Geografia Humanista, e Bachelard era parte fundamental. Toda a turma da Geografia Humanista já era citada na primeira monografia de especialização, em 1997, focada na área de ensino. Tudo isso está devidamente catalogado.

[CSJ]: E você usava Bachelard para discutir Hidrografia?

[LG]: Pois é, então, aí veja só. É loucura. Hidrografia, nada.

[CSJ]: Era hidrologia?

[LG]: Hidrologia, exatamente. Só depois de voltar do doutorado é que comecei a discutir hidrografia, já com Bachelard em mente. Naquela época, eu já estava envolvida com várias áreas. Outro dia, encontrei um professor de engenharia que conheci quando ia discutir com o pessoal da hidrologia sobre a água. Ele dava aulas sobre tratamento de água, e eu colaborava com questões relacionadas ao solo. Não ficava apenas lendo autores como Christofoletti, Margarida Penteado ou Casseti. Fiz curso de pedologia com um grupo francês na USP, fomos para Ilha Solteira com o Ruelaln[29]. Então, como eu costumo dizer, sou alguém que vive no "ser e estar".

[JF]: Sim, há uma questão que observamos, inclusive ao consultar sua tese. Eu não a li completamente, mas já tive contato com partes dela e fiquei encantada. Uma das principais questões que surgiu, inclusive, foi como sua perspectiva é distinta da Geografia Física tradicional. E algo que gostaríamos de saber é o que você pensa sobre a clássica divisão entre Geografia Física e Geografia Humana, que geralmente é muito rígida. Na

[27] HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
[28] Profa. Dra. Jeani Delgado Paschoal Moura.
[29] Prof. Dr. Francis Ruellan.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

sua tese, vemos exatamente o oposto dessa divisão.

[CSJ]: Acho que muito do que você mencionou sobre Bachelard e a hidrografia, que na época era hidrologia, e a forma como você desenvolveu isso, mostra essa possibilidade de diálogo. Gostaríamos de ouvir mais sobre como você concebeu essas questões.

[LG]: Nossa, que ótima indagação! Porque, de fato, sempre tive muita dificuldade em lidar com essa separação entre os chamados "aspectos físicos". Isso sempre me causou grande inquietação. No meu trabalho, tanto no mestrado quanto no doutorado, sempre procurei articular esses elementos. No mestrado, por exemplo, eu trabalhei com o processo de urbanização e voçorocamento. Como seria possível fazer uma Geografia que não seja nem engenharia nem geologia, e que consiga separar a natureza do ser humano? Para mim, essas duas vertentes estão profundamente interligadas, assim como no título do Dardel, *O Homem e a Terra*[30], que eu tanto aprecio. Bachelard e Dardel parecem sonhar juntos nessa convergência.

O Rio Araguaia, em especial, me mostrou isso com muita clareza, e me trouxe tranquilidade em relação ao meu entendimento. O que é o rio, senão um encontro entre duas vertentes? A natureza e o ser humano. O rio é, em si, a convergência dessas duas realidades. Claro, há muitas outras camadas, mas as grandes vertentes são essas. Nunca consegui ver essas coisas de forma separada. Acho que isso me remete até à minha infância, porque, mesmo no meu cotidiano, sempre tive essa resistência em separar uma coisa da outra.

Essa dificuldade de separar as coisas foi o meu maior desafio ao ensinar Geografia. Quando cheguei à UEL, tive a oportunidade de trabalhar com uma professora de Geografia Urbana que também atuava na área de Geomorfologia. Fazíamos trabalhos de campo juntos, o que ajudava a equilibrar essas duas áreas, antes mesmo de eu incorporar Bachelard no meu ensino. Às vezes, pode parecer pretensioso, mas ao ler Bachelard, vejo nele essa unidade de pensamento que eu também busco. Não consigo ver o céu sem a atmosfera ou a terra sem o céu. Esse encantamento com Bachelard alimenta minha visão de mundo.

Meu descontentamento com a divisão tradicional da Geografia cresce cada vez mais. Isso, às vezes, gerava um confronto com os alunos, mas eu não me preocupava tanto. Sabia que, se me pedissem para mudar a forma de ensinar, eu não saberia como. Quando os alunos diziam que eu não estava dando aulas de Geografia porque não falava de rios, eu respondia: "O colegiado aprovou meu programa, então estou fazendo Geografia". Claro, sabia que o colegiado aprovava formalmente, mas não exatamente o que eu estava realizando em sala de aula.

Os alunos realmente tinham dificuldade em lidar com essa abordagem. Muitos chegavam à aula já com resistência, dizendo: "Professora, ouvimos que a senhora é da poesia, da poética". E eu respondia: "Sim, vamos fazer poesia, vamos fazer poética". Eles não compreendiam muito bem o que eu estava propondo, então havia certo conflito. Mas acredito de verdade que essa é a essência da Geografia. Se você ler os clássicos da Geografia, verá que eles já faziam isso. O próprio Tricart[31], um grande geomorfólogo, foi uma grande influência para mim. Ele chamava isso de "Geografia aplicada". Hoje tenho um pouco de resistência ao termo, mas na época fazia sentido. No meu trabalho, tentei mapear processos geomorfológicos em escalas próximas ao humano e à Terra, e isso, para mim, é Geografia em sua essência.

[30] DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
[31] TRICART, J. F. L. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: FIBGE/SUPREN, 1977.

[CSJ]: Apenas fazendo um parêntese, sem querer interromper, mas o que você está dizendo se relaciona muito com o que encontramos na Geografia soviética[32], quando estudamos autores como Sotchava[33] e Grigoriev[34], que são grandes expoentes da Geografia Física. Também podemos mencionar Solnetsev, que remete a um período anterior da Geografia soviética, lá no Instituto, hoje conhecido como Instituto Victor Sotchava, que na época era o Instituto Geográfico da Sibéria.

[LG]: Você fala com muita propriedade, e eu falo com base nas traduções que tenho, mas enfim...

[CSJ]: Não havia como falar de Geografia sem mencionar o ser humano, mesmo que Sotchava não tratasse isso diretamente. Mas, por conta da escala em que eles operavam, acabavam chegando a essas conclusões. De certa forma, Sotchava abriu o caminho para que Tricart desenvolvesse o conceito de ecodinâmica, assim como Bertrand[35], que elaborou seu geossistema a partir de uma interpretação inicial do conceito de geossistema de Sotchava, que foi quem, de fato, cunhou o termo. Além disso, Grigoriev traz a dialética, utilizando o materialismo histórico e dialogando com Engels[36] – o dialético da natureza – para abordar exatamente o que você está mencionando.

Eu percebo também uma semelhança com Valter Cassetti, no que você acabou de falar, especialmente em sua obra Relevo e Apropriação do Ambiente, onde ele aborda essas mesmas questões.

[LG]: Por isso, meus colegas brincavam, dizendo que, se eu tivesse defendido minha tese antes, teria antecipado algumas ideias de Valter Cassetti. Embora Cassetti tenha começado com uma geomorfologia muito estrutural, influenciada pelo clima e pela geologia, ele foi orientado por um grande geomorfólogo da USP, alguém que me respeitava muito. Como era o nome dele? Uma figura admirável. Ele até participou de um evento do Geoliterart[37], onde dividimos a mesma mesa.

[CSJ]: Você está se referindo ao Carlos Augusto[38]?

[LG]: Nossa, o Carlos Augusto...

[CSJ]: Uma figura.

[LG]: Nossa, o Carlos Augusto... Nós temos o Carlos Augusto. Inclusive, ele foi mencionado no dia da aula inaugural, quando eu estava sentada, em conversa com ele, quando veio aqui. Eu organizava os eventos, montava as mesas, arrumava as toalhas, e, naquele momento, pensei: "Minhas toalhas estão aqui no evento!" Quer dizer, na aula inaugural. Porque eu fazia tudo isso,

[32] FRENCH, R. A. Geography and geographers in the Soviet Union. **The Geographical Journal**, v.127, n.2, p. 159-165, 1961.
[33] SOTCHAVA, V. B. **O estudo de geossistemas**. São Paulo, Instituto de Geografia USP, 1977.
[34] GRIGORIEV, A. A. Os fundamentos teóricos da moderna Geografia Física. **Caderno prudentino de Geografia**, v.1, n.27, p.95-106, 2020.
[35] BERTRAND, G. Paysage et géographie physique globale: esquisse méthodologique. **Revue Geógraphique des Pyrénées et du Sud-Ouest**, Toulouse, v. 39, n. 3, p. 249-272, 1968.
[36] ENGELS, F. **Dialética da natureza**. São Paulo: Boitempo, 2020.
[37] Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte (Sigeoliterart).
[38] Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

organizei tudo isso. Enfim, é isso. Então, você já está, de certa forma, predestinada, direcionada para esse caminho, para essas viagens. E aí você encontra Bachelard e pensa: "É possível, é possível". E então você volta. Porque o próprio Carlos Augusto desenvolveu uma climatologia humana. Embora seu orientando, Francisco Mendonça, pense que é seu discípulo – não sei qual é a sua relação com ele –, tudo bem? Entendeu? Ele pensa que é o máximo. E há outra orientanda, amiga do professor Francisco, que também está aqui, que também pensa que é o máximo. Mas nós continuamos. Continuamos tentando demonstrar. Porque, às vezes, os alunos questionavam, dizendo que a professora estava... parecia que era contra, e chegaram a fazer algo como um abaixo-assinado, quase um abaixo-assinado, para dizer que a professora era contra a ciência. Quem seria esse hoje? Quem é essa pessoa hoje? Entendeu? E aí observamos a questão por completo. Não preciso nem mencionar sobre o que estou falando, certo? Era algo bastante confuso. E foi aí que eu trouxe a ideia do marxismo para contrapor nas minhas aulas com Bachelard. Foi muito complicado, sabe? E havia pessoas que se identificavam como anarquistas, associando-se ao marxismo, dizendo: "Somos do movimento, etc." E então eu perguntava: "Bom, o que vocês leram de Marx além da introdução do 'O Capital'?" Porque, na verdade, eles não leram.

Mas isso foi positivo, não para criar uma contraposição, mas porque comecei a ler Bachelard de verdade. Antes, eu conhecia apenas "Água e Sonhos", porque não sabia nada além disso, não conhecia quem era Bachelard. Então, fui descobrir quem ele era, e comecei a ler todas as suas obras. "A Poética do Espaço"[39] e "A Poética do Devaneio"[40] – eu tenho duas edições de cada, pois a primeira está completamente desgastada. De verdade. Tenho dois exemplares de cada um, de tanto que li esses dois livros. Depois, comecei a ler os livros sobre a imaginação material, embora eu tenha seguido um caminho mais ou menos tradicional.

[CSJ]: A quintologia. São cinco livros, no fim das contas, com dois dedicados à Terra e um para cada um dos outros elementos.

[LG]: Exatamente. E, depois, ainda tem o do fogo, que trata da vela, pois ele queria ter feito o livro "A Poética do Fogo", mas acabou não concluindo. Contudo, publicou o "Fragmento do Fogo"[41].

"A Psicanálise do Fogo"[42], que é, na verdade, o primeiro. Foi o primeiro da série Noturno. Mas eu acabei lendo "A Poética do Espaço" e "A Poética do Devaneio" antes de ler os quatro. Estava lendo todos juntos. E, com relação à "O Devaneio da Vontade", inicialmente, tive um pouco de resistência, curioso isso. Mas li "O Devaneio do Repouso" primeiro. E, após o repouso, voltei. Voltei ao "Ninho", que já estava lá, em "A Poética do Espaço".

[CSJ]: No livro de Bachelard, essa unidade da Geografia, que é algo fundamental, presente desde Humboldt e até mesmo Ritter, que falava sobre os sistemas da natureza, acho que há uma última pergunta que poderíamos fazer, e que talvez funcione como uma síntese do que discutimos. Para você, o que seria o sonho da Geografia?

[LG]: Nossa, antes de responder isso, eu queria te falar algo. Bachelard é a expressão máxima da dualidade entre noite e dia, da ciência e, você sabe, Bachelard representa isso. Então, como

[39] BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
[40] BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
[41] BACHELARD, G. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.
[42] BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

você pode negar uma Geografia que contempla tanto a noite quanto o dia? Uma Geografia que faz ciência e uma Geografia que faz... Agora me perdi um pouco, mas que faz poesia também. Esse seria o sonho da Geografia?

[CSJ]: Podemos separar as obras de Humboldt, onde ele constrói quadros da natureza e apresenta uma expressão poética, daquelas onde ele estava trabalhando com a literatura e fazendo filosofia da linguagem dialogando com Goethe?

[LG]: Eu já tinha lido algo de Humboldt no século passado, afinal, sou do século passado, mas não me aprofundei tanto quanto com Goethe. [A prática do] Goethe orientou Maíra, que está fazendo arte e criando arte a partir de Goethe, sabe? Cada vez mais, com esse movimento, eu sentia que estava no lugar onde deveria estar. Que é... o lugar do dia e da noite, que é o próprio devaneio. Respondi à sua pergunta?

[CSJ]: Para finalizar, acho que sua resposta me levou a outra pergunta, que é...

[LG]: Nossa, gente, no momento em que você falou isso! Eu pensei: "Como fazer Geografia sem olhar para o céu e para a terra?" Desculpe!

[CSJ]: Pode continuar, está ótimo. Então, o que é Geografia para a Lúcia?

[LG]: Eu fiz isso aqui, sem querer. Geografia, para Lúcia Helena, é uma Geografia que abre asas para a liberdade. Estou usando minha própria expressão. Que abre asas para a imaginação. Imaginação é criação. E, voltando, acredito que seja essa Geografia feita, literalmente, pela *poiesis*, pela poética da terra. Você se integra, como um pássaro com suas duas asas, e aí o corpo está na própria Geografia... que bate asas. Geografia, para Lúcia Helena, é uma Geografia da felicidade. É uma Geografia onde, a cada vez que você olha pela janela, você vê uma nova atmosfera. E essa atmosfera não está no tempo cronológico, mas no tempo do instante. No instante do tempo. É isso. *O sonho da Terra*[43]. Não é por acaso, pois esse livro vai e volta. Thomas Berry, que, à primeira vista, pode não parecer tão relacionado, mas, na verdade, há sim uma conexão. O capítulo que, por acaso, passou aqui agora fala sobre "A Comunidade da Terra". Há também o capítulo intitulado "Energia Criadora", que ainda não localizei, mas ele também apareceu agora. "Energia Criadora". Esse livro eu li há muito tempo e estava esquecido. Agora o retomei. Ele foi publicado em 1991.

Entrevista/troca de experiências realizada por Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Jéssica Soares de Freitas durante uma tarde de inverno nos auspícios receptivos do ninho/da residência de Lúcia Helena Batista Gratão em Londrina-PR.

Transcrição realizada por Maria Eduarda Soares de Freitas

26 de julho de 2024.

[43] BERRY, T. **The dream of the Earth**. São Francisco: Sierra club books, 1988.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital